



## CONVITE À PUBLICAÇÃO

### n.º 3 (2020) CINEMA(S) PERIFÉRICO(S)

Coordenadora convidada - **Maria do Carmo Piçarra** (ICNova-FSCH e UAL)

Coordenadora residente - **Ana Salgueiro** (UMa-CIERL, CECC-UCP e CEHA/DRABM)

**Data limite de submissão de trabalhos - 15 de Fevereiro de 2021**

Fenómeno cultural gerado no contexto de uma modernidade urbana, cosmopolita e escopofílica, em que a invenção de novos aparelhos e técnicas de registo e de projeção de imagens se cruzava ora com o experimentalismo estético e criativo, ora com o interesse jornalístico, científico e artístico na documentação da realidade, o cinema assumiu um protagonismo axial naquilo que Michel de Certeau (1990) designou como *a invenção do quotidiano*. Determinante para a cristalização desse regime visual simultaneamente eufórico e fóbico, transgressivo e esclarecedor, como a ele se referiu Isabel Capeloa Gil (2007), o cinema contribuiu decisivamente para a reconfiguração das sociedades contemporâneas, para a definição das suas fronteiras e para a hierarquização dos seus sistemas ecossocioculturais, ao potenciar a circulação, a transferência e a reimaginação dos valores e dinâmicas sociais, culturais, políticas e económicas que organizaram o tecido urbano a partir do final do século XIX.

Este relevo não invalidou, porém, que o cinema ocupasse também uma certa perifericidade nos sistemas culturais, artísticos e científicos. Tal sucedeu tanto pelo seu carácter impuro e, por vezes, massificado(r), frequentemente oscilante entre a comercialização do entretenimento e da informação, e a propaganda ideológica; como pelo seu discurso híbrido e pelo gesto radical da vanguarda cinematográfica, verificado tanto ao nível da experimentação criativa na conceção da linguagem fílmica, quanto ao nível das imagens de mundo selecionadas e disseminadas, ousando dar voz a uma pluralidade de narrativas oculta(da)s nas representações dominantes dessas e nessas sociedades, ou tornando visíveis formas alternativas de as pensar, de nelas agir e de as reconstruir de forma menos hegemónica.

Produto e produtor do mundo urbano contemporâneo, nessa oscilação entre fenómeno cultural de massas e fenómeno cultural periférico ou de vanguarda, o cinema integrou na sua própria classificação taxonómica essa dualidade tipológica, na verdade bem mais volúvel e complexa do que a dicotomia pode sugerir.

*Cinema periférico* é uma das designações usadas para referir a produção de filmes à margem de Hollywood. Desde que (e superando a primazia inicial do cinema francês) o cinema norte-americano, através de um modelo de produção, distribuição e exibição, se tornou hegemónico em quase todo o mundo, as cinematografias de outros países e regiões foram consideradas – e assim designadas – como periféricas, em relação com esse suposto centro, que não só é um centro imaginário como impôs um sistema de representação. A implicação mais evidente dessa hegemonia foi sublinhada por Guy Hennebelle no texto seminal *Os Cinemas Nacionais Contra Hollywood* (1978), ao citar Glauber Rocha e Jean-Luc Godard quando estes denunciam como, através dos filmes, se impôs uma padronização da sociedade que assenta num modelo norte-americano e que distorce a realidade e a diversidade mundial.

Essa constatação gerou um espaço de resistência identitária, que se aplica não apenas à produção dos filmes, mas inclui a reflexão sobre o imaginário por eles proposto.

Em alternativa ao uso da expressão *cinema periférico* – ou da sua declinação no plural –, o cinema produzido fora de Hollywood tem sido perspectivado usando a categoria *cinema do mundo* (*world cinema*), que Lúcia Nagib tem pensado a partir de considerações sobre o realismo cinematográfico, propondo alternativamente a designação *cinema realista*, sobretudo no recém-publicado *Realist cinema as world cinema* (2020).

Na linha de pensamento sobre um *cinema do mundo* contraposto ao *cinema de Hollywood*, inclui-se a reflexão sobre os cinemas nacionais, sobretudo para enquadrar e analisar a intensificação da produção europeia, do Médio Oriente, de parte da Ásia e América Latina no final do século XX, importando aqui realçar o contributo de Jean-Michel Frodon (1998) para pensar como as nações se projetaram (ou não) através das suas cinematografias. Porém, este paradigma é de alcance limitado para considerar quer a diversidade do cinema feito à margem de Hollywood quer os filmes feitos como coprodução de vários países.

Refira-se ainda o conceito *accented cinema*, proposto por Hamid Nacify para enquadrar o cinema feito por indivíduos e grupos com experiências e práticas culturais não ocidentais, e a sua fecundidade para pensar representações filmadas alternativas. A arqueologia do surgimento deste conceito de *cinema periférico* remete inevitavelmente para a definição de *terceiro cinema*, proposta pelos realizadores argentinos Octavio Getino e Fernando Solanas, e inclui práticas integradas que inclui a *estética da fome* (Glauber Rocha, 1965) e outras de *cinema de urgência*.

Promovendo uma reflexão sobre o lugar do cinema nos sistemas ecossocioculturais contemporâneos, dando especial atenção ao cinema não hegemónico, feito em diversas periferias (geopolíticas, mas também socioeconómicas, estéticas e disciplinares) – periferias aqui consideradas a partir do modelo centro-periferia pensado pelo economista Samir Amin (1974) –, o n.º 3 anual da revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*, subordinado ao tema “Cinema(s) Periférico(s)”, convida à publicação em três das suas secções: Ensaios; Artigos; e Sugestões de Leitura/Recensões.

Acolher-se-ão com interesse propostas de **ensaios escritos e de artigos** (entre 2500 e 5000 palavras), **ensaios visuais** (até 5 imagens + texto complementar, entre 500 e 1000 palavras), e **recensões críticas** (entre 1000/2000 palavras), que, ocupando-se do tema “Cinema(s) Periférico(s)”, abordem (não exclusivamente) tópicos como:

- **Cinema, saber e poder:**
  - hegemónias e periferialidades;
  - propaganda e resistência;
  - colonialismo e pós-colonialismo;
- **Cinema e cartografia do mundo:**
  - narrativas e imagens de mundos silenciados e invisíveis no cinema de arte, no cinema científico e no cinema jornalístico;
  - representação cinematográfica denotativa e não denotativa (Nelson Goodman): documentarismo, ficção, ensaio e poesia cinematográficos;
  - marketing turístico e *exoticização cinematográfica* do local e da cidade;
- **Genealogia e reflexão teórico-conceptual:** cinema *mainstream*, cinema periférico, cinema popular, cinema nacional, cinema do mundo, *terceiro cinema* (Angela Prysthon), *estética da fome*, *cinema/estética de urgência*, Cinema realista (Lúcia Nagib) ...

- **Trânsitos e transferências cinematográficos:**
  - circulação e indústria cinematográfica: a produção do 'local', do 'global' e do 'translocal'
  - tradução intersemiótica: cinema ←→ outras artes;
- **Lugares, edifícios e dispositivos cinematográficos:**
  - arquitetura e urbanismo;
  - tecnologia e *novos media*;
- **Periferias do fenómeno cinematográfico:**
  - cinematografias e cineastas esquecidos;
  - o cinema para além do filme, da ação, dos atores e do realizador: cruzamento interartes, encontro transdisciplinar e processo de criação coletiva.

As propostas para publicação serão avaliadas de acordo com os critérios internacionais de dupla avaliação cega por pares, e serão aceites **trabalhos em Português e em Inglês**, com manifesta qualidade, que contribuam para a reflexão proposta com o tema de capa do n.º3 da TRANSLOCAL e que respeitem as normas de edição adotadas pela revista e **agui** disponibilizadas. Os textos redigidos em Português poderão seguir ou não a norma do Acordo Ortográfico de 1990, devendo o autor declarar a opção seguida, em nota.

Por se tratar de uma revista publicada no Funchal, acolher-se-ão com interesse propostas que considerem a produção de cinema na e sobre a Madeira, e relativa à realização cinematográfica por autores madeirenses.

As propostas (texto completo e eventuais imagens) deverão ser enviadas **até 15 de Fevereiro de 2021**, para a coordenação da revista ([translocal.revista@mail.uma.pt](mailto:translocal.revista@mail.uma.pt)), incluindo também os seguintes elementos:

- um resumo da proposta de texto submetida, em português e em inglês (**até 200 palavras**);
- nome do(s) autor(es) e uma breve nota curricular (**até 100 palavras**).

**Até 30 de Março de 2021**, a coordenação da revista informará os autores das propostas que forem aceites e, após a conclusão do processo de revisões finais e paginação, a revista será publicada ainda no primeiro semestre de 2021.